

## OS ITALIANOS NA MADEIRA séculos XV-XVI

por  
Alberto Vieira\*

1. A presença de italianos na Madeira surge como consequência da sua forte implantação na península e do seu manifesto empenho na revelação do novo mundo; em Portugal e Castela estes procuraram os portos ribeirinhos de maior animação comercial, e aí se evidenciaram como mercadores, mareantes e banqueiros. Destes destacam-se os oriundos de Génova, Veneza e Florença, cidades de grande animação comercial e marítima, que abriram, nos locais de fixação, novas vias para o comércio com o mercado mediterrâneo. A partir de Lisboa ou Cádiz estes intervêm, primeiro, no comércio peninsular, e, depois, nas navegações e actividades de troca no espaço atlântico. Esta última situação torna-se evidente com a intervenção de António de Noli e Alvise de Cadamosto.

Todavia, estes foram, também, portadores de novas técnicas comerciais e produtos de cultivo, como o açúcar. A posição charneira da península itálica propiciara essa posição hegemónica no mercado do Mediterrâneo oriental; aí surgem como os principais interessados no comércio de açúcar oriental. A eles se deve a sua expansão para Ocidente, em termos de comércio e cultura; primeiro em Chipre e Sicília e, depois, em Valença e no Algarve, para, finalmente se expandir no Atlântico-Madeira, Canárias e S. Tomé. Em todas as situações é flagrante a íntima ligação do italiano, nomeadamente genovês, à cultura e comércio do açúcar.

É de salientar que o maior ou menor impacto da sua presença depende, de igual modo, da dimensão adquirida por esta cultura. Deste modo no Mediterrâneo Atlântico é mais elevada a sua presença na

---

\* Centro de Estudos de História do Atlântico (Madeira).

Madeira e nas Canárias, do que nos Açores<sup>1</sup>. Note-se que em ambas as ilhas estes adquiriram uma posição proeminente na agricultura e comércio, sendo o açúcar o seu principal interesse.

De acordo com a informação de Jerónimo Dias Leite, o Infante D. Henrique havia mandado buscar à Sicília, na década de vinte, canas “pera se possarem na ilha”<sup>2</sup>. Todavia Valentim Fernandes<sup>3</sup> havia referido em 1506 que estas teriam vindo de Valença, onde então se cultivavam. Note-se que Cadamosto<sup>4</sup> ao descrever, em meados do século XV, a ilha, estabelece inúmeras comparações entre a Madeira e a Sicília, mas em relação ao açúcar refere apenas que “o dito senhor mandou pôr nesta ilha muitas canas”; será que se esqueceu de referir a relação entre ambas as ilhas através da referida cultura?

A par disso, convém referir que no Algarve<sup>5</sup> ou em Valença a essa cultura se encontravam associados os italianos, nomeadamente genoveses. De certo modo, poder-se-á considerar que os genoveses acompanharam o périplo da cana-do-açúcar para o ocidente e depois além-Atlântico. Por outro lado esse empenho genovês no mercado atlântico terá a ver com a perda de posição no mercado mediterrâneo, mercê da rivalidade com Veneza e o avanço turco<sup>6</sup>; a perda da influência no mercado açucareiro cipriota é compensado com a plena intervenção e posição privilegiada que detêm nas ilhas atlânticas. Esta situação é bastante evidente na Madeira e nas Canárias, onde a importante comunidade de italianos é dominada pelos genoveses, destacando-se, ainda, na primeira os florentinos<sup>7</sup>. Os venezianos continuarão até meados do século XVI empenhados no mercado do Mediterrâneo Oriental, de que Chipre foi, a partir de 1489, um dos principais pilares.

A rede de negócios estabelecida pelos italianos no Novo Mundo, mantém as mesmas características das que detinham na Europa do Norte e Mundo Mediterrâneo; a família é a chave do sucesso, a garantia da sua exe-

<sup>1</sup> Alberto Vieira, *O comércio Inter-Insular nos Séculos XV e XVI*, Funchal, 1987, 79.

<sup>2</sup> *Descobrimento da Ilha da Madeira* (...), Lisboa, 1947, 102.

<sup>3</sup> *O manuscrito de Valentim Fernandes*, Lisboa, 1940, p. 111.

<sup>4</sup> “Navegações...”, in *A Madeira vista por Estrangeiros*, Funchal, 1981, 36-37.

<sup>5</sup> Note-se que em 1404 é referenciado em Quarteira um João de Palma, mercador genovês, com terras de canas, veja-se H. Gomes de Amorim Parreira, “História do Açúcar em Portugal”, in *Anais (Junta de Investigações do Ultramar)*, vol. VII, t. 1, 1952, 18-19.

<sup>6</sup> Confronte-se F. C. Lane, *Venise une République maritime*, Paris, 397-398.

<sup>7</sup> Confronte-se Alberto Vieira, *ob. cit.*, quadros nº 1 e 3, 8-9-10.

ção em plena segurança e a continuidade das referidas operações<sup>8</sup>. A partir desta condicionante estabelece-se essa estrutura, tendo como porto de partida a cidade de origem. No caso do espaço atlântico essa tinha em Cádiz e Lisboa um importante centro de confluência e divergência.

Tendo em conta a importância que a Madeira e as Canárias assumiram no comércio do açúcar nos séculos XV e XVI, parece-nos inevitável a presença da comunidade italiana, nomeadamente genovesa, nos principais portos de ambas as ilhas<sup>9</sup>. As representações em Lisboa e Cádiz de algumas casas ramificaram-se até aos portos do Funchal, Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife e a partir daí surgiu uma nova rede de negócios. É de realçar a existência em ambos os arquipélagos de agentes ou familiares da mesma casa; assim os Adornos, Lomelinos, Grillos, Justinianos, di Negros, Salvagos, Espindolas e Dórias, surgem em ambos os arquipélagos com importantes interesses no comércio do açúcar<sup>10</sup>.

2. O rápido surto de desenvolvimento da Madeira na centúria quatorcentista, através da sua produção açucareira, gerou a cobiça dos mercadores genoveses, que sentiam dificuldades nas tradicionais rotas do Oriente. Já em meados da centúria, Cadamosto, um dos poucos venezianos que aportou à Madeira, ao abordar a ilha ficara estupefacto com o grau de progresso atingido por esta, despertando-lhe interesse a próspera produção açucareira. Todavia só a partir dessa data e, fundamentalmente, da década de setenta o açúcar ganha uma posição dominante na produção e comércio da ilha. E é precisamente a partir desta última década que se identificam os

---

8) F. C. Lane, ob. cit., 198; Manuel Lobo Cabrera, *El Comercio Canario Europeo Bajo Felipe II*, Funchal, 1988, 197.

<sup>9</sup> Sobre os italianos em Canárias veja-se I. M. Gomez Galtier, “El genovês Francisco de Cerca, prestamista y comerciante de orchilla en Las Palmas de Gran Canaria en el decenio 1517-1526”, in *Revista de História*, XXIX, La Laguna, 1963-64; L. de la Rosa Oliveira, “Francisco Roberol y la colonia genovesa en Canárias”, in *Estudios Históricos sobre las Canarias Orientales*, Las Palmas, 1978, 169-289; M. Lobo Cabrera, “Los mercadores italianos y el comercio azucarero canario en la primera mitad del siglo XV”, in *Aspetti della vita economica medievale*, Firenze, 1985, 268-282; M. Marrero Rodrigues, “Genoveses en la colonización de Tenerife 1496-1509”, in *Revista de História*, XVI, La Laguna, 1960, 52-65; H. Sancho de Soprani, “Los Soprani en Canarias 1490-1620”, in *Revista de História*, La Laguna, 1951, 318-336.

<sup>10</sup> Confronte-se Alberto Vieira, *O Comércio Inter-Insular (...)*, quadros nº 1 e 3; Manuel Lobo Cabrera, *El Comercio Canario Europeo Bajo Felipe II*, pp. 188-198.

primeiros italianos na Madeira; Francisco Calvo, B. Lomelino e António Espindola são aqueles que primeiro aparecem na ilha, atraídos pelo comércio do açúcar. A estes se seguiram, nas décadas seguintes da centúria, os Dórias, João António Cesare, João Rodrigues Castelhanos e Jerónimo Sernigi. Todavia o grupo mais numeroso de italianos surgirá no primeiro quartel da centúria seguinte, época áurea do comércio de açúcar; do total de 50 italianos referenciados na Madeira nos séculos XV e XVI, temos 25 dessa data, destacando-se os Acciaiuollis, Adornos, Catanhos e Salvagos.

A sua íntima ligação ao açúcar é manifesta quando procuramos o seu rastro no momento de crise de produção e comércio, a partir da década de trinta dessa centúria; desde essa data o mercado madeirense sofreu a concorrência do açúcar brasileiro e por isso mesmo inúmeros italianos deixaram de aportar ao Funchal para se dirigirem ao Brasil, enquanto alguns acompanharam a expansão do açúcar no Atlântico. Assim sucedeu com José Adorno e Paulo Dias Adorno, que saíram do Funchal em 1567 para se fixarem em S. Vicente, no Brasil<sup>11</sup>.

Na ilha os genoveses foram destacados mercadores e produtores de açúcar; destes últimos destacam-se Simão Acciaiuollis (Funchal), Benoco Amador (Funchal), António Espindola (Funchal), Jorge Lomelino (Funchal, Santa Cruz), Lucas Salvago (Ribeira Brava), António di Negro (Ribeira Brava) e João Lido (Ponta do Sol), que surgem com uma posição de relevo na estrutura produtiva madeirense, relevando-se como importantes produtores de açúcar, no período de 1509 e 1537. De entre estes é de realçar a posição de Jorge Lomelino que se apresenta como proprietário de canaviais no Funchal (1530) e Santa Cruz (1530), sendo nesta última área um dos principais, a seguir a Jordão de Freitas<sup>12</sup>.

A par disso, Gaspar Frutuoso<sup>13</sup>, em finais do século XVI, esclarece-nos sobre a importância assumida por alguns destes na economia açucareira madeirense, referindo quatro como proprietários de engenho: Simão Acciaiuollis (Funchal), Jorge Lomelino (Santa Cruz), Rafael

---

<sup>11</sup> José Gonçalves Salvador, *Os Cristãos-Novos. Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro (1530-1680)*, S. Paulo, 1976, 88.

<sup>12</sup> Alberto Vieira, "O Regime de propriedade na Madeira. O caso do Açúcar (1500-1537)", in *I.C.I.H.M.*, Funchal, 1989.

<sup>13</sup> *Livro Segundo das Saudades da Terra*, Ponta Delgada, 1979, pp. 103, 110 e 130.

Catanho (Santa Cruz) e Luís Dória (Faial). O mesmo autor destaca a iniciativa de alguns, referindo o espírito empreendedor de Rafael Catanho, que em Santa Cruz construiu uma levada para serviço do seu engenho em que gastou mais de cem mil cruzados. Tal situação só foi possível, segundo opinião deste autor, pelo “grande espírito” destes italianos<sup>14</sup>.

Um dos aspectos que mais favoreceu a penetração da comunidade italiana na ilha, para além do seu conhecimento dos “segredos” da produção e comércio do açúcar, foi a sua fácil naturalização, de direito, adquirida por alvará régio, ou de facto, por meio do seu relacionamento matrimonial com as principais famílias da ilha. A primeira situação foi o recurso necessário para travar as manifestações de xenofobia, evidentes nos protestos lavrados nas cortes de 1459, 1472-73 e 1481-82, que também tiveram repercussão no Funchal, a partir do governo do senhorio do infante D. Fernando (1461-70)<sup>15</sup>. São do domínio público algumas cartas de naturalização, conseguidas por estes, sendo de referir, no caso da Madeira, a concedida em 1476<sup>16</sup> pela infanta D. Catarina a Baptista Lomelino. Certamente esta carta surge como resultado das manifestações contrárias dos madeirenses à sua presença Funchal, em face do conflito gerado na década de setenta pelo contrato exclusivo para comércio do açúcar. Note-se que a presença de judeus e genoveses não era bem vista pelos madeirenses conforme se poderá concluir da reclamação, em 1461, junto do infante D. Fernando<sup>17</sup>.

A coroa e o senhorio nunca deferiram favoravelmente as pretensões dos madeirenses quanto à presença dos estrangeiros na ilha; havia um compromisso anterior que deveria ser cumprido e de difícil revogação<sup>18</sup>. Todavia

---

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 103.

<sup>15</sup> Alberto Vieira, *O Comércio Inter-Insular (...)*, pp. 79-80.

<sup>16</sup> A.R.M., *C.M.F.*, t. 1, fl. 150vº, carta de 30 de Dezembro, publ. in *A.H.M.*, vol. XV, 73. Esta confirma outra de D. Afonso V de 27 de Novembro de 1471 (A.N.T.T., *Chancelaria de D. Afonso V*, Lº. 29, fl. 53vº). Veja-se V. Rau, “Uma família de mercadores italianos em Portugal no século XV: os Lomellini”, in *Estudos de História*, vol. I, Lisboa, 1958, 13-57; Veja-se ainda Maria do Rosário, *Genoveses na História de Portugal*, Lisboa, 1977, 291-319.

<sup>17</sup> A.R.M., *C.M.F.*, t. 1, fls. 204-211, 3 de Agosto, publ. in *A.H.M.*, vol. I, nº 4, pp. 13-14.

<sup>18</sup> Virgínia Rau, “Privilégios e Legislação Portuguesa referentes a mercadores estrangeiros (séculos XV e XVI)”, in *Estudos sobre História Económica Social do Antigo Regime*, Lisboa, 1984, 141-200.

até 1498 essa possibilidade de acesso à ilha não esteve facilitada, dependendo apenas das influências do senhorio e coroa, uma vez que os moradores sempre se mostraram contrários a essa intervenção dos estrangeiros.

Em 1498 o rei revogou todas as determinações em contrário, permitindo ou facilitando a presença e permanência de qualquer estrangeiro na ilha<sup>19</sup>. Nesse mesmo ano o monarca intervem no comércio do açúcar, regulamentando-o por meio do estabelecimento de um contingente de exportação. Assim ficou estabelecido que a ilha exportaria cento e vinte mil arrobas, sendo cinquenta mil da sua responsabilidade e as restantes distribuídas, primeiro pelos mercadores naturais, e, depois, pelos do reino, nos quais o monarca queria que fossem incluídos Bartolomeu Florentim e Jerónimo Sernigi<sup>20</sup>.

A forma mais eficaz de naturalização e de plena intervenção do estrangeiro na vida madeirense foi o recurso ao casamento; este funcionou para muitos italianos como a mais eficaz forma de penetração na sociedade e de conquista de uma posição de relevo ao nível fundiário e institucional. Assim sucedeu como Simão Acciaiuollis, Benoco Amador, Chirio Quirino Cattaneo, João Usodimare, Urbano Lomelino e João Salvago.

Simão Acciaoullis casou com Maria Pimenta Drumond filha de Cantanho Pero Rodrigues, almoxarife dos quartos (quinto), que tinha promessa do ofício para quem casasse com a sua filha; desta forma adquiriu uma posição proeminente na ilha, como proprietário, e períodos de cargos na administração da fazenda. Benoco Amador acolheu a uma viúva, Petronilha Gonçalves Ferreira, mulher de Esteves Eanes de Quintal, o que lhe propiciou a posse e usufruto de extensas propriedades em Santo António e na Ponta do Sol; o seu património não parou de aumentar mercê da sua activa intervenção em múltiplas operações de comércio e de crédito, tornando-se num importante proprietário e empresário<sup>21</sup>. João Salvago, que se casou com Isabel Álvares de Abreu tornou-se num destacado proprietário em Câmara de Lobos e Arco da Calheta.

A capitania de Machico exerceu uma atracção especial por alguns destes italianos. Assim os irmãos Quirino e Rafael Catanho, que se fixaram na ilha a partir de princípios do século XVI, preferiram o convívio dos capitães dessa vila, tendo o primeiro casado com Maria Cabral, filha de Tristão

<sup>19</sup> A.R.M., *C.M.F.*, t. 1, fl. 219 vº vº-292, 22 de Março, publ. in *A.H.M.*, XVII, nº 217, p. 367.

<sup>20</sup> Idem, *Ibidem*, t. 1, fl. 69 vº-75 vº, 21 de Agosto, publ. in *ibidem*, nº 22, pp. 376-377.

<sup>21</sup> João de Sousa, "Notas para a História da Madeira. Os italianos na ilha. Benoco Amador", in *Cidade Campo*, supl. de *Diário de Notícias*, Funchal, 6 de Maio, 1984, p. 6.

Teixeira, terceiro capitão. Mais tarde uma filha deste enlace, Ângela Catanha, veio a casar com Diogo Teixeira, quarto capitão dessa capitania, que por ser inválido teve como tutor o sogro<sup>22</sup>. Outro genovês, João Usodimare, também procurou o convívio do capitão dessa capitania, tendo desposado a primeira filha, Tristoa Teixeira<sup>23</sup>. Entretanto Urbano Lomelino fixara-se em Santa Cruz onde casou com Joana Lopes, filha de Isabel Correia Santana.

Desta forma os italianos conseguiram penetrar na sociedade e economia madeirense, adquirindo aí uma posição de relevo. A sua adaptação à nova sociedade foi rápida e desde muito cedo surgem ao lado dos madeirenses na defesa da ilha contra as investidas dos corsários, como sucedeu em 1566, ou em África, na defesa das praças marroquinas.

3. Mas aqui e agora importa questionar a dimensão assumida por estes no novo mundo insular. Tal como já referimos, a Madeira e as Canárias, pelo seu fornecimento de urzela e açúcar, cativaram a atenção dos italianos; nos séculos XV e XVI da relação dos estrangeiros aí residentes, contabilizamos cinquenta (5,2%) e noventa e dois (16,9%) mercadores italianos, respectivamente na Madeira e Canárias, representando, num e noutro caso, a comunidade estrangeira mais importante.

Os italianos, em especial os florentinos e os genoveses, conseguiram implantar-se na Madeira, desde meados do século XV, como os principais agentes do comércio do açúcar, alargando depois a sua actuação ao domínio fundiário, por meio da compra e laços matrimoniais<sup>24</sup>. Na déca-

<sup>22</sup> Confronte-se Gaspar Frutuoso, *ob. cit.*, p. 152.

<sup>23</sup> Gaspar Frutuoso (*ibidem*, 159), refere que esse casamento da filha do capitão donatário de Machico foi com Micer João Baptista, todavia esta opinião tem sido contestada por inúmeros estudiosos que apresentam a João Usodimare como parceiro da filha do capitão; para tal argumenta-se o facto de Micer João no seu testamento ("Misser João Baptista (1512). O Vigário Rodrigo Afonso Usademar (1581)", in *A.H.M.*, vol. II, 1932, 23) não a referenciar, como seria natural; confronte-se Peter Cloder, *Registo Genealógico de famílias que passaram à Madeira*, Funchal, 1952, 85, 321.

<sup>24</sup> Sobre a presença italiana na Madeira veja-se Charles Verlinden, *ob. cit.*; M. do Rosário, *Genoveses na História de Portugal*, Lisboa, 1977; Prospero Peragallo, *Cenni in torno alla colonia italiana in Portogallo nei Secoli XIV, XV e XVI*, Génova, 1882; Domenico Geofré, "Le relazioni fra Genova e Madera nel I decenio del secolo XVI", in *Studi Colombiani*, III, Génova, 1952, 435-483; Carlos Passos, "Relações Históricas Luso-Italianas", in *Anais da Academia Portuguesa de História*, 2ª Série, VII, Lisboa, 1856, 143-240; "Italianos na Madeira", in *A.H.M.*, V (1937), 335; Jacques Heers, *Gènes au XVè Siècle*, Paris, 1977, "Portugal no século XV: os Lomellini", in *Estudos de História*, I, Lisboa, 1968, 33-36.

da de 70, mediante o contrato estabelecido com o senhorio da ilha para o comércio do açúcar, detinham uma posição maioritária na sociedade criada para o efeito, sendo representados por Baptista Lomelino, Francisco Calvo e Micer Leão<sup>25</sup>. No último quartel do século a estes vêm juntar-se Cristóvão Colombo, João António Cesare, Bartolomeu Marchioni, Jerónimo Sernigi e Luís Dória. E, finalmente, em princípios do século XVI, surgiu outro mais numeroso, que alicerçou a comunidade italiana residente; destes últimos temos Lourenço Catanho, João Rodrigues Castigliano, Quirino Catanho, Sebastião Centurione, Luca Salvago, Giovanni e Lucano Espindola.

Os mercadores-banqueiros de Florença surgem também na ilha e evidenciaram-se nas transacções comerciais e financeiras em torno do açúcar madeirense no mercado europeu. A partir de Lisboa, onde detinham uma privilegiada posição junto da coroa, mantêm e orientam uma extensa rede de negócios que abrange a Madeira e as principais praças europeias. Primeiro conseguem da Fazenda Real o quase exclusivo do comércio do açúcar resultante dos direitos reais por meio do contrato; depois apoderaram-se do açúcar em comércio, tomando o exclusivo dos contingentes estabelecidos pela coroa, em 1498<sup>26</sup>. Assim teremos, na primeira metade do século XVI Bartolomeu Marchioni, Lucas Giraldi e Benedito Morelli com uma clara intervenção no trato do açúcar<sup>27</sup>.

A manutenção dessa rede de negócios fazia-se por meio da intervenção directa destes mercadores ou por meio do recurso a procuradores e agentes subestabelecidos. Benedito Morelli, em 1509-1510, estava representado na ilha por quatro agentes que tinham a seu cargo o recebimento do açúcar dos quartos: Simão Acciaiuollis, João de Augusta, Benoco Amador, Cristóvão Bocollo e António Leonardo<sup>28</sup>. Marchioni, em 1507-1509, fazia-se representar em operações de idêntica índole por Feducho Lamoroto<sup>29</sup>.

João Francisco Affaitati, cremonês, agente em Lisboa de uma das mais importantes companhias comerciais da época, teve uma participação

<sup>25</sup> Virgínia Rau, *O Açúcar na Madeira (...)*, p. 29.

<sup>26</sup> Fernando Jasmins Pereira, *O Açúcar Madeirense de 1500 a 1537 (...)*, pp. 61-65.

<sup>27</sup> *Ibidem*, pp. 61-91; Idem, *Os Estrangeiros na Madeira*, pp. 88, 115-117 e 125-128.

<sup>28</sup> Idem, *Os Estrangeiros na Madeira*, pp. 19, 27, 60, 105, passim.

<sup>29</sup> *Ibidem*, pp. 115-118.



muito activa nesse comércio entre 1502 e 1526, por meio de contratos de compra e venda dos açúcares dos direitos reais (1516-1518, 1520-1521 e 1529) e pagamentos em açúcar a troco de pimenta<sup>30</sup>; este mercador actuava, quer em sociedade com Jerónimo Sernigi, João Jaconde, Francisco Corvinelli e Janim Bicudo, quer isoladamente, tendo para o efeito como feitores e procuradores seus na ilha Gabriel Affaitati, Luca António, Cristóvão Bocollo, Capela de Capellani, João Dias, João Gonçalves, Matia Manardi e Maffei Rogel.

A penetração deste grupo de mercadores na sociedade madeirense foi muito acentuada<sup>31</sup>. O usufruto de privilégios reais e o relacionamento familiar conduziram à sua plena inserção na aristocracia terratenente e administrativa; na sua maioria, apresentam-se como proprietários e mercadores de açúcar, instalam-se nas terras de melhor e maior produção; e, por meio de compra e laços matrimoniais, tornam-se nos mais importantes proprietários de canaviais. Assim sucedeu com Rafael Catanho, Luís Dória, João Esmeraldo, João e Jorge Lomelino, João Rodrigues Castelhana, Lucas Salvago, Giovanni Espindola, João Antão, João Florença, Simão Acciaiuollis e Benoco Amador. A sua intervenção na estrutura administrativa madeirense abrangia os domínios mais elementares do governo, como a vereação e repartições da fazenda, que incidem sobre a economia açucareira. Surgem, assim, como almoxarifes e provedores da fazenda. A par disso têm uma forte intervenção na arrecadação dos direitos reais, surgindo ainda como rendeiros.

A sua presença na ilha foi salutar, pois estes para além de propiciarem o maior desenvolvimento das relações de troca em torno do açúcar, foram portadores das novas técnicas e meios de comércio: a eles se deve o incremento das companhias e sociedades comerciais e o uso das letras de câmbio nas vultuosas operações comerciais. Os florentinos, experientes nas transacções financeiras, surgem aí com grande destaque, sendo de realçar a acção de Feducho Lamoroto e de Francisco Lape<sup>32</sup>. A par disso a rede de negócios em torno do açúcar, foi criada e incentivada por estes mercadores, que através de familiares e amigos lançaram uma forte rede de negócios.

---

<sup>30</sup> *Ibidem*, pp. 22-26.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>32</sup> Alberto Vieira, *ob. cit.*, p. 59.

	ITÁLIA		OUTROS	
	arobas	%	arobas	%
Escápuas	36.000	30	78.000	70
Mercados	140.626	51,5	130.896	48,5
Mercadores	407.530,5	79,91	112.900	21,19

O seu domínio atingiu, não só, as sociedades criadas no exterior e com intervenção na ilha, mas também o numeroso grupo de agentes ou feitores e procuradores subestabelecidos no Funchal; são várias as sociedades, em que intervêm italianos, para o comércio do açúcar ou arrendamento dos direitos reais. Aí destacaram-se Benedito Morelli e Bartolomeu Marchioni, sobrinho e tio, que viviam em Lisboa e actuavam em conjunto no trato do açúcar por meio de outros italianos, que foram na ilha seus agentes, como Feducho Lamoroto, Benoco Amador. A par disso participaram em sociedade com outros italianos - Simão Acciaiuollis, Luís Dória e António Espindola - no arrendamento dos direitos de 1516-1518<sup>33</sup>. Entretanto, no período de 1506 a 1508, Benoco Amador, tio de Simão Acciaiuollis, que foi procurador destes, havia participado noutras duas sociedades para arrendamento dos direitos do açúcar e da alfândega, com outros compatriotas - Quirino Catanho, Feducho Lamoroto.

Quanto ao comércio de açúcar, desde a década de setenta, que estes vinham actuando em sociedades para esse fim. Na primeira que conhece-

MERCADORES	arobas	%
João Francisco Affaitati	177.907,5	35
Feducho Lamoroto	32.039,5	6
Bartolomeu Marchioni	51.238	10
Benedito Morelli	50.348	10
Matia Manardi	134.423,5	3
outros	179.604	36

<sup>33</sup> Fernando Jasmins Pereira, *O Açúcar Madeirense (...)*, pp. 68-93.

mos participavam Baptista Lomelino, Francisco Calvo e Micer Leão, tendo como objectivo o comércio de todo o açúcar, produzido na ilha. A partir de 1498, com o estabelecimento das escáfulas para esse comércio, surge, em 1502, uma sociedade em que intervêm António Francisco Corvinelli e João Jaconde, todos italianos, para a venda das trinta mil arrobas das escáfulas para os portos mediterrâneos - Águas Mortas, Liorne, Roma e Veneza. Note-se que o primeiro destes detinha na ilha uma importante rede de feitores ou procuradores, de que se destacam Gabriel Affaitati, João Dias, Matia Manardi e Maffei Rojel<sup>34</sup>.

Tudo isto girava em torno do comércio de açúcar de que o mundo mediterrânico, dominado por estes mercadores italianos, deveria consumir 43% do valor exportado da ilha, conforme o estabelece a escáfula de 1498; desse total 30% ficava em Itália, sendo 42% para Veneza, 36% para Génova e os restantes 22% para Porto Liorne e Roma.

Numa análise comparada, entre o valor das escáfulas, o açúcar exportado e a intervenção dos mercadores dessas origens, constata-se uma plena afirmação dos italianos no comércio deste produto. Note-se que estes, de acordo com o valor estabelecido para as escáfulas apenas tinham direito a 30% do açúcar exportado, mas na realidade receberam no período de 1490 a 1550, mais de metade do açúcar que saiu da ilha, deste 97% foi para aí enviado na década de 1501 a 1510. Para o período em que vigoraram as escáfulas (1498-1499) apenas se conhece a saída de 2.909 arrobas para esse destino, isto é, apenas 8% do total de arrobas para aí consignadas.

É de salientar que o comércio de açúcar madeirense para Itália se processou com maior incidência no período de 1490 a 1510, momento em que esse mercado e mercadores daí oriundos encontraram condições favoráveis junto da coroa nos diversos contratos de compra do açúcar.

A par disso as operações de comércio deste produto, envolvendo italianos têm o seu apogeu na década inicial de quinhentos, decaindo de forma acentuada nas seguintes, Aí merece destaque especial a acção de cinco italianos que controlaram 64% do açúcar transaccionado.

João Francisco Affaitati, mercador cremonês de família nobre, chefe da sucursal em Lisboa da companhia Affaitati, uma das principais dessa praça, surge no período de 1502 a 1529 como o principal activador

---

<sup>34</sup> Alberto Vieira, *ob. cit.*, quadros nº 13 e 14, pp. 204-205.

do comércio do açúcar madeirense, tendo transacionado sete vezes mais açúcar que todos os portugueses. Durante esse longo período, arrematou, em 1502, as escáfulas de Águas Mortas, Liorne, Roma e Veneza; conjuntamente com Jerónimo Sernigi, João Jaconde e Francisco Corvinelli arrematou a venda do açúcar dos direitos (1512-1518, 1520-1521, 1529) e actuou em operações diversas de compra directa de açúcar e de troca deste por pimenta ou dívidas<sup>35</sup>.

Para manter essa amplitude das suas operações comerciais na ilha com um grupo numeroso de feitores ou procuradores: Gabriel Affaitati, Luca António, Cristóvão Bocollo, Matia Manardi, Capella de Capellani, João Dias, João Gonçalves e Maffei Rogel. Por outro lado aceitou procuração de Garcia Pimentel, Pedro Afonso de Aguiar e João Rodrigues de Noronha. Note-se que o grupo inicial é, na sua maioria, formado por italianos, ligados ao comércio do açúcar, e que os segundos pertencem a algumas famílias mais influentes da ilha.

4. Também Cristóvão Colombo fora atraído pelo *ouro branco* e beleza das donzelas madeirenses, pois cá esteve, certamente em Agosto de 1478, ao serviço de uma sociedade de Ludovico Centurione, por intermédio do seu representante em Lisboa, Paulo di Negro, para comprar 2400 arrobas de açúcar e conduzi-las a Génova. Depois disso envolveu-se matrimonialmente com uma filha de Bartolomeu Perestrelo, também ele de origem italiana, capitão do donatário no Porto Santo. Esta segunda situação fê-lo permanecer nas ilhas da Madeira e Porto Santo, por algum tempo, até à sua saída para Castela, retornando às ilhas, em 1498, aquando da terceira viagem.

Diz a tradição madeirense, baseada no irrefutável testemunho de Álvaro Rodrigues de Azevedo<sup>36</sup> que o mesmo, aquando da sua estância no Funchal, teria repousado nos aposentos de João Esmeraldo, no Funchal. Esta dedução, sem qualquer prova documental, parece-nos estranha pois Cristóvão Colombo nunca trocava o convívio dos seus compatriotas pelo fausto dos aposentos do referido mercado flamengo.

---

<sup>35</sup> Sabe-se disso a partir de um acto notarial de 25 de Agosto de 1479 sobre o não cumprimento de um contrato de remessa de açúcar da Madeira.

<sup>36</sup> Confronte-se Manuel C. de Almeida Cayolla Zagallo, *Cristóvão Colombo e a Ilha da Madeira. A casa de João Esmeraldo*, Lisboa, 1945, pp. 34-35; Agostinho de Ornellas, *Memória sobre a residência de Colombo na ilha da Madeira*, Lisboa, 1892, pp. 8-9.

Note-se que num e noutro momento havia já no Funchal uma importante comunidade de italianos, onde predominavam os genoveses. Em 1478, quando Colombo se deslocou pela primeira vez ao Funchal, deveria ter contactado com os seus compatriotas Francisco Calvo, Baptista Lomelino e António Espindola. Aquando da sua segunda estância, já casado, poderia associar-se ao convívio de outros patricios seus, como João António Cesare, os Dórias. E, finalmente, em 1498 na terceira viagem que fez às Índias, à sua passagem pelo Funchal referem os seus cronistas e o mesmo no seu diário, que foi muito bem recebido. Nessa data era já importante a comunidade italiana, tendo-se juntado aos já existentes, os florentinos Bartolomeu Marchioni, Jerónimo e Dinis Sernigi.

A presença desta importante comunidade de italianos, dominada pelos genoveses, na ilha da Madeira, com maior destaque para o Funchal, parece-nos estranho que este se tenha alojado na casa de um flamengo, recém-chegado, a quem não ligavam quaisquer laços de convívio ou comércio; certamente que não iria ignorar os seus compatriotas, como Baptista Lomelino e António Espindola, que já se encontravam na ilha há algum tempo, envolvidos no comércio de açúcar. Além disso, como mercador que era, então em 1478, deveria preferir o convívio da Rua do mesmo nome e nunca a vivenda de João Esmeraldo. Será que esta atribuição se deve ao facto de Gaspar Frutuoso considerar João Esmeraldo como genovês<sup>38</sup>.

Em face do espírito de solidariedade que dominava a comunidade genovesa no estrangeiro, considerado um dos garantes dessas operações, parece-nos difícil aceitar uma atitude contrária de Cristóvão Colombo, que nos inícios da sua acção na península havia servido algumas casas comerciais. Os documentos privados do mesmo em lugar algum falam de flamengos, como João Esmeraldo, mas sim de genoveses, como Paulo di Negro, Baptista Espindola, ambos com familiares na Madeira<sup>39</sup>. Todavia a tradição é mais forte que o juízo histórico, e a casa de João Esmeraldo ficará, para gáudio de alguns, como o albergue que acolheu o ilustre navegador nas suas passagens pela Madeira no período de 1478 a 1498!

---

<sup>37</sup> Manuel C. de Almeida Cayolla Zagallo, *ob. cit.*, pp. 34-36.

<sup>38</sup> *Ob. cit.*, pp. 124 e 260.

<sup>39</sup> *Cristóbal Colón, Textos y documentos completos*, prólogo y notas de Consuelo Varela, Madrid, 1984, pp. 310 e 363.

## QUADRO I

## MERCADORES ITALIANOS NA MADEIRA

MERCADOR	DATA	PROVENIÊNCIA	MORADA	OBSERVAÇÕES
Francisco Accioiuoli	- 1596	Florença	Funchal	Filho de Simão
Simão Accioiuoli	1509-1544(+)	Florença	Funchal	Almoxarife, Rua Direita
Zenobio Accioiuoli	1580	Florença	Funchal	Filho de Simão
José Adorno	1528-1567(?)	Génova	Funchal	Fixa-se no Brasil antes de 1567
Paulo Dias Adorno	1528-1567	Génova	Funchal	Fixa-se no Brasil antes de 1567
Gabriel Affaitati	1509		Funchal	Estante
João Franc. Affaitati	1502-1529	Cremonês	Lisboa	Com feitores na ilha
Benoco Amatori	1503-1517(+)	Florença	Santa Cruz	Arrendatário, procurador
Anequim	1513	Génova	Calheta	
Cristóvão Bocollo	1508-1510	Cremonês	Funchal	Procurador
Estevão Boguo	1509	Cremonês	Funchal	Estante
Bono Broncone	1502-1508	Cremonês	Funchal	Procurador
Francisco Broncone	1512	Cremonês	Funchal	Estante
Francisco Calvo	1471-1509	Génova	Funchal	
Germão Calvo	1573	Génova	Funchal	Estante, procurador de Capellani
Lourenço Cattaneo	1500	Génova	Funchal	
Chirio Cattaneo	1500-1504	Génova	Funchal	Rendeiro Alfândega
Rafael Cattaneo	1500-1537	Génova	Santa Cruz	Propriet. rendeiro miunças
Sebastião Centurione	1554	Génova	Funchal	
João António Cesare	1480	Génova	Funchal	
Cristóvão Colombo	1478	Génova	Funchal	
António Doria	1480	Génova	Funchal	
Giovanni Doria	1480	Génova	Funchal	
Luís Doria	1480-1530	Génova	Funchal	Rendeiro miunças, proprietário
João de Florença	1454-1521	Florença	Funchal	Homem Bom, proprietário
Carlo Grillo	1512	Génova	Funchal	
Lucano Grillo	1506	Génova	Funchal	
Belchior Imperial	1512-1534	Génova	Calheta	Estante
Pedro Justinham	1509	Génova	Calheta	Estante
Nicolosso Justinhom	1512-1513	Génova	Calheta	Estante
Simão Justinhom	1513	Génova	Calheta	Estante
Feducho de Lamarote	1504-1517	Florença	Funchal	Rendeiro
Pedro de Lamarote	1520-1523	Florença	Funchal	
Francisco Lape	1524	Florença	Funchal	
Jerónimo Larqua	1517	Génova	Ribeira Brava	Estante
João Lombardo	1500-1526	Itália	Ponta do sol	Proprietário, Rendeiro
Anchino Lomelino	1513	Génova	Funchal	
Baptista Lomelino	1470-1483	Génova	Santa Cruz	
Francisco Lomelino	1566	Génova	Funchal	
João Bapt. Lomelino	1476-1513	Génova	Funchal	
Leonardo Lomelino	1496	Génova	Funchal	

OS ITALIANOS NA MADEIRA

**MERCADORES ITALIANOS NA MADEIRA** (Continuação)

MERCADOR	DATA	PROVENIÊNCIA	MORADA	OBSERVAÇÕES
Marco Lomelino	1512	Génova	Funchal	
Sisto Lomelino	1496	Génova	Funchal	
Urbano Lomelino	14761518(+)		Santa Cruz	
Urbano Lomelino	1582	Florença	Santa Cruz	Proprietário
Bartolomeu	1498-1508	Génova	Funchal	
Marchioni	1535	Génova	Santa Cruz	Estante
João Bapt. de Marim	1535	Florença	Funchal	
Tobias de Marim	1509-1510	Florença	Funchal	Estante
Benedito Morelli	1509-1563(+)	Génova	Funchal	Rua São Sebastião
Francisco Narde	14.-1530	Génova	Funchal	
António Nyro	1524	Génova	Funchal	
Gabriel de Nyro	1560-1561(+)	Génova	Funchal	Rua dos Mercadores
Manuel Rod. de Nyro	1495-1535	Génova	Calheta	Vizinho
João R. Castelhana	1523	Génova	Funchal	
Luís Jacome Salvago		Génova	Funchal	Vizinho
João Baptista Salvago	1502-1520		Funchal	Vizinho, procurador de A. Salvago
Lucas Salvago		Florença		Procurador mercadores judeus
Dinis Sernigi	Séc. XV		Funchal	
	1498-1508	Florença		
		Génova	Funchal	
Jerónimo Sernigi	1503	Génova	Funchal	
Álvaro Spínola	1472-1519	Génova	Funchal	
António Spínola	1596		Funchal	
António Spínola				

**QUADRO II**

**ITALIANOS E DESCENDENTES COMO PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVOS. SÉCS. XV-XVII**

NOME	LOCAL	ANOS	ESCRAVOS
André Miranda Espíndola	Santa Cruz	1684-87	3
António Perestrelo	Caniço	1698-1700	2
António Baptista Espíndola	Machico	1623	2
António Baptista	Santa Cruz	1618	2
António Gonçalves Florença	Funchal	1606	1
António Teixeira Dória	Funchal/Ribeira Brava	1692-99	3
Bárbara Aciaioi	Funchal	1603	1
Catarina Salvajo	Funchal	1618	2
Cristóvão Naide	Funchal	1597	2
Francisco Dória	Funchal	1657	2
Jacinto Aciaioi de Vasconcelos	Funchal	1700	1
João Martins Salvajo	Funchal/Ribeira Brava	1580-83	3
João Teixeira Dória	Caniço	1662-85	3

**ITALIANOS E DESCENDENTES COMO PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVOS.  
SÉCS. XV-XVII** (Continuação)

NOME	LOCAL	ANOS	ESCRAVOS
Luís Dória	Funchal	1556	2
Luís Espíndola	Funchal	1611-35	5
Luís Espíndola	Funchal	1629	2
Manuel Escórcio Lomelino	Funchal	1700	1
Maria Florença	Funchal	1654	1
Pedro Gonçalves Florença	Arco da Calheta	1641	2
Rafael Esteves Florença	Arco da Calheta	1641	2
S? Aciaoli	Funchal/Ribeira Brava	1539-1602	9
Zenobio Aciaoli (pai e filho)	Funchal	1500,1697-99	5

**QUADRO III**

**PROCURADORES E AGENTES-PRAÇA DO FUNCHAL  
1500-1537**

PROCURADOR/AGENTE	MERCADOR
Simão Acioli	Benedito Morelli e Lopo Azevedo
Benoco Amatori	B. Marchioni, B. Morelli, Álvaro Pimentel, Jerónimo Sernigi, Francisco Garducho
Capella de Capellani	Pedro Afonso de Aguiar
João Rodrigues Castelhanao	Jorge Lopes de Bixorda, Pero Mimensa, Pero de Ayala, Charles Correa
Quinio Catanho	Francisco Catanho
Feducho Lamaroto	Leonardo Nardi, João Álvares Pereira, João Vaz de Almada, B. Marchioni, E. Morelli
António Leonardo	Claves, Garcia Pimentel, B. Morelli
J. Lomelim	Garcia Pimentel
B. Marchionni	Feducho Lamaroto, B. Morelli



## OS ITALIANOS NA MADEIRA

## QUADRO IV

## COMÉRCIO DE AÇÚCAR NA MADEIRA. OS ITALIANOS (1500-1540)

MERCADOR	1501-1510	1511-1520	1521-1530	1531-1540	TOTAL
Simão Acciauoli	334				334
Aneguim			310		310
Francisco Calvo	1409	140			1549
João Calvo		3000			3000
Capela de Capellani		28	1444		1472
Francisco Catanho	1222				1222
Belchior Imperial		337	41		378
Pedro Justinham	6				6
Simão Justinham		535			535
Feducho de Lamaroto	26039,5	6000			32039,5
Pedro de Lamaroto		50			50
João Lombardo	4349				3249
José Lomelim	5672	307,5			5979,5
Bartolomeu	4	5238	6000		51238
Marchioni		(4)5344			5344
Tobias de Marim	50348				50348
Benedito Morelli	3		172	17	192
Francisco Narde	353	5	180		538
Antônio di Negro	270				270
Juliam Romano			30		30
Lucas Salvago					
Outros					

